

Esta tese se concentra nos trabalhos científicos escritos por Nina Rodrigues, muitos dos quais ignorados ou “esquecidos” pela academia ao longo do século XX. O médico maranhense viveu em um tempo de incertezas, de caos administrativo, no momento de transição da Monarquia para a República. Membro da prestigiada Faculdade de Medicina da Bahia, Nina tornou-se voz ativa entre os seus pares exigindo reformas em diversas áreas da Medicina Pública. Exibiu seu desejo por uma centralização da máquina estatal, por uma ação intervencionista entre a população negra e mestiça, muito embora seu objetivo último fosse a construção de uma sociedade liberal e civilizada. Nina construiu sua trajetória profissional a partir, sobretudo, das áreas da medicina-legal e da etnografia afro-brasileira. Contudo, ele também foi o primeiro a investigar, no Brasil, manifestações coletivas complexas – como o movimento de Canudos (1893 a 1897) ou a epidemia de histeria de Itapagipe (1882) – que desafiaram o conhecimento científico tradicional de meados dos oitocentos. Tomando como eixo de reflexão estes trabalhos de Nina Rodrigues, a tese tenta desvendar o seu intrincado pensamento, no qual por um lado, o racismo científico mantém-se como matriz de reflexão, mas por outro, é relativizado em diversos momentos, quando o autor entrevê na população híbrida brasileira não motivo para fatalismo, mas uma possibilidade para o progresso do país. Ao deparar-se com o fenômeno das multidões, para poder decifrá-lo, o médico maranhense recorreu a uma bibliografia em quase sua totalidade estrangeira. Apelou a autores como o sociólogo Gabriel Tarde e o criminologista Scipio Sighele, que ofereciam explicações para a formação das coletividades sem recorrer a pressupostos do racismo, tão valorizados por Nina. Entretanto, a ideia-síntese de inferioridade do negro e do mestiço manteve-se na sua obra, inserida, porém, em um novo quadro evolucionista-social, resultado das leituras de Nina sobre as obras do antropólogo Edward B. Tylor. As coletividades anormais eram formadas, em sua maioria, por “gentes de cor”, uma população que precisava, na visão de Nina, ser resgatada dos níveis mais rudimentares de desenvolvimento, como o selvagerismo e o barbarismo, e alçada ao mais avançado, o civilizatório.